O Ordo Missæ novo

Apresentação de Sua Reverência, o Pe. Annibale Bugnini, CM

No L'Osservatore Romano de 29/01/1965, o Revmo. Pe. Annibale Bugnini, CM, secretário do Consilium para aplicação da Constituição sobre a liturgia (depois será nomeado sub-secretário da Congregação dos Ritos), apresentou os novos elementos que se encontram no novo Ordo Missæ publicado em janeiro de 1965 pela Tipografia Poliglota Vaticana.

A Tipografia Poliglota Vaticana publicou nesses dias o novo *Ordo Missæ*, assim como o *Ritus Servandus* e o *De defectibus*, três opúsculos que regulam a parte cerimonial da celebração da Missa. Ao mesmo tempo deve surgir a edição do *Kyriale simplex*, uma coleção de esquemas mais fáceis de melodias gregorianas para a Missa cantada, e os *Cantus, qui in Missali romano desiderantur*, pequena coleção de melodias requeridas pela Instrução de 26/09/1964 e pelo *Ritus concelebrationis*, para o Cãnon da Missa, para o *Pater* quando é cantado por todos, para a *Oratio fidelium*.

Sobre o mesmo plano se situa um volume reservado às Comissões de liturgia que têm o cargo, em cada nação, de preparar os esquemas da *Oratio fidelium*. Não se trata de uma coleção de esquemas já prontos, o que seria contrário a uma das leis fundamentais da *oratio fidelium*, mas um guia para a preparação dos esquemas. Isso porque os sete ou oito exemplos propostos no "Diretório prático" não são formulários "prontos para uso", mas modelos sobre os quais devem ser formulados os esquemas que as conferências episcopais nacionais deverão aprovar.

Voltaremos sucessivamente a cada uma destas publicações quando a ocasião se apresentar. Observamos, entretanto, que elas se inserem no programa de trabalho para a aplicação progressiva da Constituição sobre a Liturgia, e que são fruto da harmoniosa e responsável colaboração entre o *Consilium* para a aplicação da Constituição sobre a liturgia e a Congregação dos Ritos.

Deter-nos-emos hoje sobre o *Ordo Missæ*, tão fundamental e esperado, que aparece em primeiro lugar.

O título deste artigo diz: *O Ordo Missæ novo*. Isto não é exato. Dever-se-ia dizer renovado, atualizado, pois, não obstante os retoques, as adaptações, as correções, o *Ordo Missæ* não mudou substancialmente de feição. O próprio latim permanece o latim simples e jovial dos bons cerimoniais romanos que, depois do começo do séc. XVI, deram seu estilo a uma grande parte destas muito sábias regras práticas.

Mas então, no que consiste a renovação do *Ordo Missæ*?

Na adaptação às exigências da Constituição conciliar e da Instrução, exigências que, esquematicamente, podem se resumir assim: distinção clara e natural, igualmente pelo lugar da celebração, das duas partes entre as quais se divide idealmente a Missa: liturgia da Palavra e liturgia da Eucaristia. Distinção de lugar, porque a primeira se desenrola preferencialmente junto à sede ou ao ambão, a segunda ao altar, lugar do sacrifício, mesa do banquete eucarístico; segundo, uma participação piedosa, ativa e consciente dos fiéis no rito sagrado, o que é a meta de toda a reforma litúrgica.

Estes dois princípios e as regras já fixadas pela Instrução guiaram a revisão do *Ordo Missæ* e do *Ritus servandus*. Sabe-se que os dois não se opõem, mas se completam. O *Ordo* é uma síntese do *Ritus*; no *Ordo*, as cerimônias são apenas delineadas; o *Ritus*, pelo contrário, entra mais nos detalhes. Na maior parte, algumas coisas foram suprimidas, pois eram realmente supérfluas; por exemplo, que necessidade havia de se dizer que para vestir a alva o celebrante deve "abaixar a cabeça, colocar o braço direito e depois o esquerdo"? Outras permaneceram e ainda serão úteis: por exemplo, a maneira de incensar o altar.

Algumas particularidades

Eis alguns detalhes:

Para indicar o tom de voz do celebrante (do canto ou diálogo com a assembleia), uma só e única indicação é feita: *congrua voce* (com a voz conveniente), porque, conforme o caso e o que ditar o bom gosto e o bom senso, o celebrante modera e regula sua dicção para a harmonizar com a voz ou o canto da assembleia ou da *schola*.

Os lados do altar - designados primeiramente pela expressão *cornua altaria*, e depois de 1960 pelos termos "lado da Epístola" e "lado do Evangelho" - são simplesmente chamados de "lado direito" e "lado esquerdo", porque, com o uso habitual do ambão e do altar de frente para o povo, a fórmula antiga será inexata ou causará confusão.

No altar, depois do ofertório até o fim, o Missal permanecerá sempre à esquerda, mesmo durante a Comunhão e a Pós-comunhão, que o celebrante lerá permanecendo no centro, como para as orações solenes da Sexta-feira Santa, o que apresenta a vantagem de evitar um deslocamento do Missal que não tem mais razão de ser, bem como de facilitar a instalação de microfones estáveis sobre o altar para que a assembleia entenda melhor.

Como se realizará o rito da Missa

Percorramos a Missa sublinhando algumas particularidades.

Como antes, ela começa pelo verso *Introibo ad altare Dei*. Algumas pessoas pensaram que ele também devesse desaparecer igualmente com o Salmo 42. Uma antífona sem o salmo correspondente é uma anomalia, diriam eles. Mas não se trata de uma anomalia. Ficando isolado, não há mais o caráter de antífona, mas o de verso salmódico, e as séries de versos salmódicos que precedem e introduzem um rito estão longe de ser raras na liturgia; por exemplo, o verso *Deus tu conversus* e os seguintes que precedem a oração *Aufer a nobis*. Eis um exemplo bem apropriado: no Tempo da Paixão e nas missas dos defuntos não se diz o Salmo 42, mas se diz o verso *Introibo*. Enfim, seria realmente desagradável se na restauração final esta pequena pérola desaparecesse do *Ordo Missæ*. Estas duas frases cheias de prontidão e alegria exprimem maravilhosamente os "motivos" que deram sentido ao rito, o sentido de um movimento material e espiritual rumo ao altar do sacrifício (*Introibo*) e as disposições interiores que o animam (*laetificat iuventutem*). O sentido é o mesmo na nova versão: *Deus laetitiae et exultationis*. Enfim, o *Introibo* tem todo um perfume pascal e une este sacrifício, todo sacrifício, àquele do Cristo *passus, sepultus, suscitatus*. Na tradição ambrosiana, após o batismo, os neófitos faziam sua entrada na *Ecclesia fratrum* ao canto do *Introibo*.

Depois de ter beijado o altar (ou depois da incensação na Missa cantada), o celebrante dirige-se à cadeira. Ele poderia ficar junto do altar até a Coleta. Liturgistas precipitados indicaram esta solução como normal. Trata-se, de fato, de uma conveniência: o lugar próprio da liturgia da Palavra é a cadeira e o ambão.

Se o povo ou a *schola* cantam ou recitam o Intróito, o *Kyrie*, o *Gloria*, os cantos depois das leituras, o celebrante não os lê privadamente, ele os escuta ou se associa ao canto comum. Mas, naturalmente, ele entoa o *Gloria*, reza ou canta a Coleta, voltado para o povo.

Após o canto ou leitura da Epístola, o Gradual é o canto de meditação ao qual toda a assembleia deve participar, alternando o refrão próprio com o canto dos versículos pela *schola*.

O Evangelho é reservado ao celebrante, ou ao diácono nas Missas cantadas. Este último incensa o livro dos Evangelhos, mas, doravante, omitirá a incensação do celebrante, cerimônia bastante recente e fora de lugar. A atenção e a veneração serão assim mais concentradas sobre o livro sagrado que contém a Palavra de Deus.

Segue-se a homilia. Ao *Incarnatus* do *Credo*, não se faz mais a genuflexão, mas uma inclinação somente, com exceção do Natal e da Anunciação. Em seguida vem a *Oratio fidelium*.

Agora o celebrante aproxima-se do altar, o qual beija. O Ofertório se conclui pela Oração sobre as oferendas (secreta), rezada em voz alta ou cantada até a conclusão *Amen*, respondida pela assembleia.

Depois vem o Prefácio, do qual o *Sanctus* é a coroação inseparável (*dicentes: Sanctus*), o qual é cantado ou recitado por toda a assembleia. Em seguida, o celebrante, sozinho, começa o *Canon* em voz baixa. As rubricas e as fórmulas da oração eucarística permanecem inalteradas. Contudo, à doxologia final, o celebrante toma a hóstia e o cálice com as duas mãos, eleva-os juntos e canta ou reza em alta voz o *Per ipsum* até o *per omnia saecula saeculorum*, ao qual toda a assembleia responde unânime e forte: *Amen*. Esta é a "ratificação", por todo o povo santo de Deus, daquilo que o celebrante vem cumprir recolhendo-se no misterioso silêncio da prece consagratória.

Após o *Pater* cantado ou rezado pelo celebrante e os fiéis, num só coração, o celebrante reza em alta voz o embolismo (num impulso, eu me interponho), ou seja, uma oração que desenvolve e retoma uma fórmula precedente: com efeito, o *Libera* desenvolve o último pedido do *Pater* (*sed libera nos a malo - Libera nos*). Para o embolismo, o celebrante não faz mais sobre si o sinal da cruz com a patena e nem a beija mais.

Seguem os ritos da Comunhão. No texto do *Ordo*, inseriu-se igualmente as rubricas da comunhão dos fiéis: trata-se de um fato... redacional, é verdade, mas que não é sem significado: uma Missa sem a comunhão dos fiéis é um anel sem pérola.

Enfim, a despedida da assembleia.

Dar estilo às celebrações litúrgicas

Quem estiver um pouco familiarizado com o Missal verá de uma vez que, substancialmente, nada mudou. O tom mudou, mas a melodia permanece a de ontem, a de sempre. Mesmo nos retoques, tudo foi examinado com delicadeza e atenção, com o coração mais do que com o espírito, para harmonizar o rito com as regras, sábias e precisas, traçadas pelos documentos conciliares.

Evidentemente, o novo *Ordo Missæ* está nos limites indicados: ele descreve um rito, e não tem interesse nas formas, ainda que elas, hoje mais do que nunca, enfrentem certa quantidade de problemas de que não se pode desinteressar quem deve pesar as consequências das disposições positivas.

Acima de tudo, deve-se pensar no que o *Ordo Missæ* representa para nossas reuniões litúrgicas. Com certeza, a maneira de cumprir um rito não é essencial, mas não se trata de mais um elemento secundário. Não é o tesouro,

certamente, mas é a preciosa arca que o contém. Outrora, teve-se um apego excessivo pela parte exterior da liturgia. Hoje em dia, pode ser que se peque pela falta. Encontrar uma pérola não nos faz muitas vezes esquecer de dar-lhe um engaste que seja digno dela? Esta aplicação da Igreja em cinzelar o rito da Missa com uma exatidão tão escrupulosa não é, na verdade, um convite para cada sacerdote dar “estilo”, “celebrar” e não somente “dizer” a Missa?

A língua do povo

No *Ordo*, está a alusão à língua do povo que, a 7 de março, constituirá a maior novidade na celebração comunitária da liturgia. Em todos os países, no decorrer destes últimos seis meses, houve um esforço de preparar os textos na língua do povo, pelo menos para as missas dos domingos e festas.

Verter para uma língua viva um texto litúrgico, conservando seu vigor original, é, creio, um trabalho literário bastante árduo. A falta de tempo e, às vezes, a falta de meios técnicos e de pessoal aumentaram as dificuldades. Quaisquer que sejam, ainda que não sejam perfeitas, as traduções entraram ou entrarão em vigor. A experiência, o tempo, o uso permitirão, nos anos que virão, que os textos sejam limados e aperfeiçoados, a fim de que eles recebam maior acolhimento e expressem dignamente a oração da Igreja.

O canto sacro

O problema do canto apresenta dificuldades ainda maiores. Uma Missa sem canto é como um dia sem sol. Uma paróquia que não canta, dizia muitas vezes o Santo Padre quando era arcebispo de Milão, não canta nada¹. Se para a Missa solene o canto é parte integrante do rito, para as missas com o povo, ele é um elemento indispensável de participação e de vida. Eis por que o esforço da pastoral litúrgica, há alguns anos, para fazer com que todas as nossas assembleias cantem, desde a mais humilde paróquia das montanhas até as mais majestosas celebrações das ilustres e espaçosas catedrais, é digno de admiração e encorajamento.

Mas com a introdução da língua do povo, não se perderá o patrimônio gregoriano, polifônico, artístico da música sacra? As *Scholae* não perderão sua razão de ser? Isto seria um grave erro e um dano ainda maior. Por isto, a Constituição litúrgica diz “Guarde-se e desenvolva-se com diligência o patrimônio da música sacra” (art. 114). Guardar e desenvolver são aqui sinônimos de defender, difundir, aumentar, promover. Será possível a partir de hoje - no contexto das disposições conciliares e das decisões das conferências episcopais - executar uma Missa gregoriana, polifônica ou em música moderna, com o texto do canto em latim, assegurando-se a participação dos fiéis nas partes que lhes são próprias e que, ao menos as leituras e a *oratio communis* (art. 54), sejam ditas em língua vernácula, tendo em vista a catequese.

Desta maneira, a Igreja pode e deve continuar a louvar o Senhor em todos os gêneros musicais, e a vitalidade das *scholae* é garantida tal como a “conservação do tesouro inestimável” da música sacra.

É preciso encorajar o esforço em devolver o interesse e a vitalidade às assembleias litúrgicas, e agradecer muito aos compositores, mestres de coro e artistas, aos que serviram e ainda servem a liturgia com tanta abnegação e sacrifício, cujas criações no decorrer dos séculos são uma das glórias mais puras da Igreja.

Também os desejos, as aspirações e os votos exprimidos num recente Congresso só podem encontrar a aprovação de todos os que amam a santa liturgia. Todos unidos, *una voce*, por um culto do Senhor alegre e que eleve. É um motivo de reconforto e de esperança ver que aqueles que, por sua formação e seu temperamento, são dotados de uma particular sensibilidade artística, estão resolvidos a entrar generosamente na estrada luminosa traçada pela Constituição conciliar. Pode-se olhar o futuro com mais segurança, igualmente no que diz respeito à formação de um canto religioso popular digno das mais puras tradições do gênio de nosso povo e nas novas necessidades do culto divino.

Fonte: <http://www.sacrosanctum-concilium.org/textes/dc/1965/315/315.php>

Tradução livre do francês por Luís Augusto Rodrigues Domingues.

Associação
REDEMPTIONIS
SACRAMENTVM

Pela Liturgia reverente em ambas as Formas do Rito Romano

Teresina – Piauí – Brasil

ars-the.blogspot.com

ars.the@gmail.com

¹ N.T. Expressão obscura para o português. Talvez tivesse o sentido de "não canta, não encanta", incerto.